

OS MUSEUS EUROPEUS.

Um ensaio.

O Museu é uma instituição antiqüíssima. Atenas, por exemplo, já possuía a sua pinacoteca no século V a. C. — e, de certo modo, podemos referir-nos também aos tesouros dos templos do antigo Egito, como “coleção” de objetos de arte.

O nome “Museu” vem do grego “musaion” e significa “sede ou moradia das Musas”, que eram as nove filhas de Júpiter (Zeus), o supremo Deus dos Antigos e da Memória; entre estas musas, que em geral protegiam as diferentes artes, encontrava-se Clio, a musa da História e Calíope, a musa da poesia heróica e da eloquência.

O “Museu” tornou-se depois a “Casa das Belas Artes” e, às vêzes, como em Alexandria, santuário, laboratório para pesquisas científicas, contendo ao mesmo tempo uma biblioteca mundialmente famosa, mais tarde destruída num incêndio, e uma escola filosófica.

Aquêles “Museu de Alexandria” floresceu especialmente sob a dinastia dos Ptolomeus no terceiro e segundo séculos antes de Cristo. O matemático Euclides pertenceu, entre outros, ao seu corpo docente, e Arquimedes estudava lá. Estes “museus” naturalmente não eram “museus” no sentido dos nossos dias, porém podem ser considerados como os seus precursores mais remotos.

O que entendemos, hoje, por “museu”, tem a sua origem no “tesouro” da Idade Média, se bem que já na época dos romanos se mostravam, às vêzes, depois de uma guerra vitoriosa, os “tesouros” conquistados, porém estas “exposições” eram ainda bem raras e tinham uma finalidade “educativa” mui singular e resumida, pois se destinavam apenas a vangloriar os feitos dos próprios exércitos. Tais exposições continuaram naturalmente também nos séculos posteriores, quando, por exemplo, em 1521 se mostrava, em Antuérpia o tesouro dos aztecas, etc.

Como dizíamos, a origem verdadeira dos nossos museus encontra-se nos “tesouros” da Idade Média, tesouros que pertenciam aos príncipes — e às vezes à Igreja — a uma catedral ou um convento, representando parte do patrimônio financeiro de tais organizações, sendo composto não somente de ouro, prata, jóias e dinheiro, mas também de objetos de Arte, como prataria de mesa, copos, pratos, etc., e — devido à sua raridade, pois eram feitos minuciosamente a mão — de livros, além de armas, muitas vezes preciosas, de roupas enfeitadas de pérolas e jóias, de corôas, e finalmente, também de documentos, que freqüentemente, quando se tratava por exemplo de um testamento, de uma doação ou de um contrato de venda, representava também uma parte do “tesouro” do seu possuidor.

A êste “tesouro” se juntavam, em muitos casos, objetos de estima familiar, havidos por herança dos ancestrais, relíquias, lembranças de uma caça bem sucedida, seja a pele do animal, os seus chifres, etc., presentes de uma viagem, das cruzadas e semelhantes ou, finalmente, “curiosidades” do próprio país ou de terras distantes, da arqueologia, das ciências naturais, com os quais, no século XVI, especialmente, se formava o então mui estimado “Gabinete de Raridades”.

Durante a Idade Média até o início da Renascença, o “tesouro” e o “arquivo” dos documentos formavam, em geral, uma unidade, o que se explica juridicamente, pois os documentos constituíam justamente a prova da legitimidade dos objetos do “tesouro”.

O lugar, onde se guardavam tais tesouros eram quase sempre, por causa da segurança, castelos fortificados. Infelizmente existem relativamente poucos “inventários” de tais tesouros, pois o seu valor foi calculado, durante muitos séculos ainda, não do ponto de vista artístico, mas puramente material, isto é, a sua transformação rápida em dinheiro, e daí os documentos, que possuímos, se referirem a tais objetos duma maneira bem sumária, quando se necessitava, por causa de herança, de um inventário do respectivo tesouro.

Desta maneira também o “tesouro” da Idade Média não é uma coleção no sentido verdadeiro da palavra, mas sim, um “agrupamento” de objetos de um valor artístico às vezes bem discutível. Somente mais ou menos a partir do século XVI, na época da “especialização e da classificação e divisão do Conhecimento Universal” em assuntos diferentes, começa uma certa “classificação” destes “tesouro-coleções”, como consequência da

idéia de que um homem só não mais pode saber tudo, quando o **Homo Universalis**, cujo último representante era talvez Leonardo da Vinci (1452-1519), cientista, pesquisador e artista ao mesmo tempo, definitivamente desapareceu, dando lugar à formação — vagarosa — dos especialistas. E daí se dividirem aquêles “tesouros” em arquivos, bibliotecas, objetos de uso pessoal, “valores puros”, isto é, dinheiro, barras de ouro ou de prata, “raridades” e “reliquias”. O que resta daqueles antigos tesouros são os Gabinetes de Arte ou de Raridades da Renascença, que, no início, existiam somente para a “estima e divertimento estético” do seu proprietário — geralmente um rei ou um príncipe, como as famosas famílias dinásticas dos Medici ou dos Farnese, para mencionar apenas algumas das mais conhecidas.

Com o progresso das ciências exatas durante os séculos XVII e XVIII se cristalizaram formas mais perfeitas da subdivisão e da classificação. Agora não mais o “mecenas”, mas o cientista dirige as várias “coleções” especializadas.

Surgem novas subdivisões em gabinetes de ciências naturais, galerias de quadros e de esculturas, a princípio esculturas antigas, gabinetes de moedas e de medalhas, etc. E assim se pode acompanhar o desenvolvimento para o “museu moderno”, que começa no início do século passado, quando em seguida às inovações introduzidas pela revolução francesa, aquêles museus deixaram de ser privativos de seus proprietários, príncipes e nobres, que permitiam exames de suas coleções a alguns visitantes estrangeiros de distinção, mas se tornaram patrimônio da nação inteira.

E agora se cristalizava, também, com uma clareza sempre maior, a finalidade dos museus. O Conde Moritz Dietrichstein, em Viena, exigiu, em 1840, a organização e classificação das moedas e medalhas como um meio indispensável para conhecer-se melhor o passado, um meio que servia ao mesmo tempo para julgar mais firmemente o presente e o futuro, para instruir-se e tirar, desta instrução, conclusões úteis para o indivíduo e a humanidade. Ou, para ir um passo mais à frente, a História da Arte exige do Museu explicação sobre o destino de muitas obras artísticas, enquanto a História da Cultura e da Civilização quer verificar a viva e clara mudança de pensamento da sociedade humana através dos séculos, e mesmo dos milênios.

Seria naturalmente interessante acompanhar a formação de um “tesouro” desde da sua origem até a transformação em “Museu”. Graças ao material muito completo, que nos for-

neceu o Govêrno austríaco por intermédio dos seus representantes diplomáticos, temos a possibilidade de realizar êste desiderato.

O “tesouro” dos antigos Duques de Babenberg do século XII infelizmente se perdeu durante o século XIII em inúmeras ações bélicas. Em 1297 camponeses encontraram algumas moedas romanas antigas, as quais foram entregues ao “tesouro” formado pelas jóias, parte do enxoval de várias princesas que se casaram com os príncipes austríacos, tal como Blanche, irmã de Filipe-o-Belo, a qual esposou em 1300 o duque Rodolfo III da Áustria. Quando, por exemplo, antes da famosa Batalha de Muehldorf, em 1322, uma das jóias, um anel de ouro, referido pela lenda como havendo pertencido aos três Reis Magos, se perdeu, daquele tesouro, o fato foi considerado de mau agouro, como o cronista de então nos informou — de uma outra fonte sabemos que a Rainha Agnes possuía, no mesmo século, uma Bíblia e um Livro de Santos, ricamente ilustrados, uma raridade singular para aquêlê tempo, ou que Leopoldo I da Áustria recebeu, em 1311, da Imperatriz, no dia do ano nôvo, o presente de uma taça cheia de moedas de ouro — dos quais a taça (naturalmente sem o seu conteúdo) foi incorporada àquêlê “tesouro”. Em 1331, o Duque Oto III mantinha, na sua côrte, um pintor, que tinha a tarefa de produzir quadros religiosos e miniaturas; Rodolfo IV, no mesmo século, recebeu algumas relíquias, para os quais encomendou relicários de ouro, enfeitados de jóias. Também êle ocupava um pintor na côrte, Henrique de Vaschang, de Viena, o qual, conforme notícias da época, era um excelente retratista. Durante o século XV, o tesouro dos duques austríacos contava também com gobelins ricos, livros de orações e, em 1439, lhe foi acrescentado “o ovo de avestruz, transformado por um ourives em rica taça”. Em 1455, aquêlê tesouro contava, entre outros objetos, com mais de cem livros de assuntos religiosos, científicos, e de “Mágia Negra”, além de armas e instrumentos musicais.

No fim do século XV, conforme o desenvolvimento das ciências, entram então instrumentos matemáticos, um quadrante em marfim, etc. Ao mesmo tempo começam também, em Viena, os estudos arqueológicos: o encôntro de um osso de mamute, que foi exposto na Catedral de Santo Estéfano. No mesmo século ainda foram descobertas duas estátuas de origem greco-romana e o Imperador Maximiliano I começou a coleção de armas de seus ancestrais, bem como de peças “curiosas”.

como chifres de veados enormes, “exóticas”, das Cruzadas, minerais, armas do Oriente, etc.

Finalmente, “aventureiros” que queriam ganhar dinheiro com as peças “curiosas e exóticas” são agora mencionados nas velhas crônicas, tais como Caspar Panzer ou Paulo Liebenberger, que pediram “licenças” para negociar as suas jóias e curiosidades, figurando, desta maneira, como um dos mais antigos “antiquários” cujos nomes sabemos.

Tôdas estas raridades, jóias, livros, etc. se guardavam em baús, de onde muitas coisas, especialmente quadros, se estragaram ou perderam durante aquêles séculos.

A Renascença abriu novos horizontes para a humanidade e conseqüentemente também para as coleções e gabinetes de raridades. A coleção de instrumentos científicos de Viena enriqueceu-se durante o século XVI, com relógios, um **pépetuo móbile** e mesmo cópias de quadros dos grandes mestres italianos e flamengos faziam parte das doações. Desta maneira o famoso pintor Rubens, por exemplo, copiou alguns quadros para Rodolfo II de Habsburgo, sendo estas cópias destinadas a serem de presentes para os cardiais e príncipes, que o presentearam com objetos para a sua coleção. Mas não somente objetos de valor entraram nas coleções de então. Sabemos por exemplo, que um peregrino da Terra Santa ofereceu a Rodolfo II um “pedaço da vara, com a qual Moisés separou o Mar Vermelho” bem como um “pouco do barro com o qual Deus criou o primeiro homem”. Deveria ser bem difícil a situação do “Diretor do Museu” diante de tais oferecimentos.

A estima pelos objetos de Arte, em primeiro lugar os quadros, durante os séculos XVII e XVIII continuou a se desenvolver. Vemos o famoso quadro do Teniers **Teatrum Pictorium** que mostra quase o conteúdo completo de uma “galeria de quadros” de então.

O século XVIII continua a demonstrar grande interesse pelos instrumentos científicos, de física e relógios. Porém, se comprava também, em Viena, por intermédio de agentes em tôda a Europa, objetos de arte, medalhas, etc. Missionários traziam da América, moedas dos séculos passados, que enriqueceram o “Gabinete de Moedas”, e heranças, como a do Príncipe Eugênio, aumenta a biblioteca imperial consideravelmente. E, finalmente, cresceu igualmente o funcionalismo dos museus.

As coleções em Viena, no século XVIII já se dividem em Biblioteca, Tesouro, Gabinete de Moedas e Medalhas, Gabinete de Ciências Naturais, Gabinete de assuntos de física, Jardins

Botânicos e Zoológicos, aos quais eram admitidos visitantes de qualquer classe social pelo Imperador José II, um dos monarcas mais “modernos” do seu tempo. Aparecem publicações sôbretais coleções, sempre em número maior, como por exemplo o famoso livro sôbre as antigas moedas gregas da coleção particular da Ordem dos Jesuítas, depois da secularização daquela congregação religiosa.

Hoje, os museus de Viena são divididos em assuntos da História da Arte (**Kunsthistorische Sammlungen**), incluindo o Egito, História greco-romana, esculturas, moedas e medalhas, quadros, especialmente do Barocco; coleções da Idade Média e da Renascença até aos nossos dias, de armas e instrumentos musicais, especialmente do século XVI — uma coleção que é ultrapassada em riqueza sômente pelo Conservatório de Bruxelas (Bélgica) e o Museu Metropolitano de Nova York, de caruagens, trenós, etc.

A “Albertina”, uma coleção de gravuras, é a maior da sua espécie no mundo, incluindo todos os principais artistas de tôdas as nações, fundada pelo genro da Imperatriz Maria Teresa, o Duque Alberto de Saxe-Teschen, no século XVIII, e enriquecido pela coleção do príncipe Eugênio de Savóia, ambos colecionadores de grande estilo; o Museu para a Arte Austríaca da Idade Média, o Museu das Ciências Naturais (**Naturhistorisches Museum**) que se originava das coleções do cientista florentino Jean de Baillon e que consistia de mais de trinta mil peças. A coleção foi adquirida em 1748 pelo Imperador da Austria; o Museu Barroco da Austria, o Museu Folclórico (**Trachten-Museum**), com uma rica coleção de trajes regionais, incluindo a famosa coleção de Johann Natterer, que acompanhou a Imperatriz d. Leopoldina em 1817 ao Brasil, uma coleção formada por mais de três mil objetos, tais como armas e instrumentos domésticos dos índios brasileiros, e que foram mostrados, em Viena, em 1821. E esta é sômente uma menção dos museus mais importantes da própria Capital austríaca, existindo em quase tôdas as cidades da Austria museus regionais.

E assim, como nos foi possível acompanhar a formação dos museus austríacos, devido ao farto material que foi pôsto tão gentilmente à nossa disposição, podemos naturalmente dizer que os outros grandes museus da Europa se formaram de maneira semelhante, sendo a sua classificação a mais variada possível, pois existem hoje em dia museus puramente científicos, como os de ciências naturais, de técnicas, de pedago-

gia, de estradas de ferro, do automóvel, museus militares, navais e de aeronáutica, ou outros que se ocupam com a personalidade, a vida e a obra dos grandes vultos da história da civilização, de um Shakespeare, de um Goethe, etc., outros que tem a sua finalidade no estudo folclórico ou dos costumes de certas regiões, alguns são puramente históricos e outros são coleções de obras de arte, seja de pintura, da escultura, etc.

Muitas vêzes, anexos aos grandes museus do mundo, encontram-se coleções especiais de manuscritos, de mapas, gabinetes de gravuras e de desenhos ou de moedas e de medalhas, de vidros e de vitrais, ou de bibliotecas especializadas. Existem museus puramente especializados, como os de caça, um museu jornalístico — na Suíça — que contém jornais de quase todos os países — um Museu de **Spaghetti** (naturalmente na Itália), que compreende diversas secções consagradas à história das massas alimentícias, tipicamente italianas e fotografias de numerosas personalidades mundiais perante pratos de **spaghetti** bem como desenhos humorísticos inspirados nesse prato nacional ou melhor, agora internacionalmente estimado; o famoso museu de caça e de falcoaria no antiqüíssimo castelo de Gion, na França, onde se pode acompanhar o desenvolvimento da arma de caça, desde os arcos e os primitivos arcabuzes até as armas mais modernas do gênero. Pinturas, gravuras e tapeçarias das várias épocas ilustram a história da caça e dos caçadores, mostrando trajés que estes usaram durante os vários períodos. O mobiliário, do tempo da Renascença, e de outras épocas é todo autêntico, dando especial realce ao ambiente venatório da exposição permanente, podendo-se ver, para além das janelas, o rio Loire e o seu vale, uma das tradicionais regiões de caça da França. Museu idêntico se encontra na Alemanha onde se guarda o famoso “relatório dos veados” com tôdas as indicações de raças, data de nascimento, formação de chifres, etc. dos gamos mais importantes da Prússia Oriental.

Um outro museu especializado é aquêle das “Maisons de Paris” no castelo Sceaux, na França, onde se vêem as habitações francesas durante os séculos, mostrando que até ao século XV, apesar de eventuais enfeites com tapeçarias, o estilo era simples e rústico e a lareira formava o centro da habitação, enquanto no século seguinte — devido à influência da renascença italiana — o conforto cresce, até que finalmente no século XVII a “sala de jantar” aparece, enquanto nos séculos anteriores se jantava no “**living-dormitório**” ou nas ocasiões de grandes festas no salão nobre da casa. No século XVII en-

tão a sala de jantar torna-se o centro da vida familiar, o que se compreende ainda mais, lembrando-se do cardápio riquíssimo daquele século. O século XVIII mostra o avanço da burguesia e no século seguinte, devido à industrialização, a infiltração do proletariado. Todos êstes passos da evolução são acompanhados ainda por “manequins” vestidos no estilo das diversas épocas.

Um outro tipo de museu especializado é o “Museu das Salinas” na Alemanha, onde uma antiga mina foi transformada em museu, ou o “Museu Ambulante” no rio Vístula, na Polônia, criação do Ministério da Cultura e das Artes da Polônia, consagrado à cultura popular da América do Sul, Indonésia, Oceania e África. As obras que compõem o acervo do nôvo centro de difusão cultural são exibidas a bordo de um navio especialmente preparado que escala em tôdas as cidades grandes e pequenas, às margens do Vístula, de Cracóvia a Gdansk.

Mencionamos ainda o “Museu Particular dos Papas” no Vaticano, que consta de grande parte dos presentes enviados aos papas e que tem também a sua história própria, quando, por exemplo, devido ao Tratado de Tolentino, o Papa Pio VI, para poder pagar a quantia exigida por Napoleão I, foi obrigado a ceder muitos dos objetos de valor desta coleção, entre êstes as pedras e o ouro que ornavam a tiara pontificia. Assim, o Papa Pio VII, que sucedeu a Pio VI, teve que mandar preparar uma tiara de papelão recoberta por um tecido laminado de ouro. Com os seus sucessores a coleção particular dos papas enriqueceu-se novamente, sendo constituída em parte também por objetos sacros, doados aos Sumos Pontífices durante os séculos. Naturalmente, não se deve confundir esta coleção com os Museus Vaticanos, que figuram entre os mais ricos do mundo inteiro.

Mas também um outro tipo de museu merece ser lembrado: o Museu ao Ar Livre, do qual, fora de templos exhibe ruínas da Antigüidade em muitas partes da Europa; indicamos como exemplo aquêles de Bokrijk, na Bélgica ou de Kommern, na Renânia (Alemanha), onde se conserva uma aldeia inteira, com as moradias, estábulos, etc. com todos os móveis e utensílios dos séculos passados. Em Bokrijk, por exemplo, se vê entre outros, um lindo exemplo de uma moradia do início do século XVI, ou uma casa da alfndega, uma cervejaria, um moinho de vento, e um velho albergue. Mas apesar do seu caráter de museu, o museu de Bokrijk é pura realidade. No estábulo vivem carnei-

ros verdadeiros, o moinho trabalha e o albergue serve aos visitantes de hotel primitivo. E para dar alguns dados estatísticos: Bokrijk contava no primeiro ano da sua existência com mais de 30 mil visitantes, enquanto o museu de Kommern, que se compõe de quarenta casas típicas das várias partes da Renânia, foi construído mediante um plano de dez anos, contribuindo o govêrno no primeiro ano com 250.000 marcos, contando-se com 25.000 marcos (cêrca de Cr\$ 1.000.000,00) por casa; as despê-sas gerais sobem anualmente a 100.000 marcos. Naturalmente o museu depende também de doações particulares.

Porém a Europa brilha não sòmente com a posse de tais museus especializados ou particulares. Ao patrimônio de cada nação européia pertencem museus de uma riqueza quase inimaginável. Mencionamos sòmente alguns dos mais famosos.

A Itália ocupa naturalmente um lugar fora do comum. Aí temos o Vaticano em Roma que possui os museus mais ricos do mundo, onde os grandes papas da Renascença guardaram seus tesouros, protetores e mecenas da Arte em geral que eram. Aí encontramos obras da escultura grega e romana, uma coleção egípcia e uma etrusca, além de uma pinacoteca que contém as melhores obras dos mais famosos pintores italianos, e cuja chefia está entregue a um brasileiro, Deoclécio Redig de Campos. Há, ainda, uma coleção da arte cristã dos primeiros séculos, uma biblioteca importantíssima e imensa, um arquivo dos mais ricos, com manuscritos de dois milênios.

Embora Roma, a “Cidade Eterna”, seja em si mesma um museu com todos os seus edificios históricos, templos, o “Coliseu”, Igrejas da Renascença e do Barroco, possui ela ainda muitos museus, entre os quais mencionamos o da Vila Borghese, o Capitólio, etc.

Em Florença, também uma cidade cheia de museus, encontramos a famosa Galeria Pitti e os “Uffizi”, em Milão a “Brera”, em Nápoles o Museu de Capo di Monte, uma das mais modernas organizações neste assunto, no mundo inteiro.

A Espanha é famosa pelo Museu do Prado, em Madrí, e pelo Escorial, castelo-mausoléu dos reis espanhóis.

Também neste país os museus se tornaram públicos, em consequência da Revolução Francesa, tendo a arte, na Espanha, antes de mais nada, a sua origem no embelezamento do culto divino e da evolução do mesmo desde a Idade Média, nos conventos e nas igrejas e, de certo modo, também nos castelos e palácios.

Hoje os museus da Espanha dividem-se em cinco grupos principais:

- 1). — os museus do Estado, incluindo museus arqueológicos e de Belas Artes.
- 2). — Museus dependentes da “junta de Museus” de Barcelona.
- 3). — Museus municipais e provinciais.
- 4). — Museus eclesiásticos.
- 5). — Museus particulares que podem também desfrutar de subvenções oficiais.

Madri conta com inúmeros museus, entre os quais o Prado naturalmente é o mais conhecido. Tem como base das suas coleções os objetos reunidos pelos reis, inicialmente por Maria-a-Católica e depois por Filipe II e Filipe IV nos séculos XV e XVI, sendo sempre submetido a um critério severo. Desta maneira, objetos que não correspondiam a tal critério, foram enviados para museus menos importantes.

Excelente é a coleção de pinturas das escolas espanhola, italiana, flamenga, holandesa, alemã e francesa, bem como a coleção de esculturas do Prado.

O Museu Arqueológico inclui seções pré-históricas, do Oriente Antigo, das Colônias, Ibérica, Romana, Árabe, Cristã, Medieval e Renascença e ainda 180.000 moedas e medalhas.

O Museu Nacional de Arte, do século XIX, e da Arte Contemporânea ou o da Arte Decorativa, o das Américas, com as seções pré-colombiana e colonial, o Museu do Exército, o Museu Naval, o Museu das Reproduções Artísticas que tem uma grande importância no terreno da História da arte, o Museu Nacional de Arquitetura, o Museu do Povo Espanhol — folclórico e etnográfico — o Museu do Teatro, o Museu de Santo Antônio de la Florida, a antiga moradia do eremita com os afrescos de Goya, a coleção da Real Academia da História, o Palácio Real com a famosa coleção de tapeçarias de Bruxelas, a coleção das armas — provavelmente a mais rica do mundo em armas antigas — o Museu histórico de Farmácia com objetos de farmácia e uma instalação completa do século XVIII e um laboratório de alquimista, o Museu Romântico e o de Lázaro Galdeano, a casa de Lope de Vega, — onde o poeta viveu entre 1610 e 1635, o ano da sua morte — a coleção dos Duques de Alba, são somente algumas das coleções mais conhecidas de Madri, enquanto o Escorial, antigo mosteiro fundado por Filipe II, contém uma parte da sua coleção particular de quadros e quatro

mil volumes da sua biblioteca; em Toledo mencionamos o Museu de El Grecco e o Museu da Catedral, e ainda Barcelona e muitas outras cidades grandes ou pequenas completam o número quase incalculável de museus e coleções da Espanha.

Portugal possui também algumas coleções riquíssimas, entre as quais destacamos o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu Nacional de Arte Contemporânea.

Damos agora, geograficamente falando, um salto até a Inglaterra. Na Inglaterra os museus também encontram a sua origem na Idade Média onde, às vezes, as Igrejas mostravam certas raridades, como por exemplo Santa Maria de Aldermansbury exibiu um osso de um gigante, ou São Laurêncio os “dentes de algum peixe monstruoso”. Mais tarde, no século XVIII, as casas de café ou de chá possuíam às vezes os seus próprios gabinetes de raridades, muitas vezes cheias de falsificações e de bluff.

A crônica nos conta que em 1710 um certo Mr. Campe, possuía em Londres duas salas cheias de raridades, entre as quais uma bela coleção de moedas antigas, o “Moloch ao qual os amonitas sacrificavam crianças”, duas figuras de cêra, em tamanho natural, Cleópatra, a serpente e uma escrava, além de muitos instrumentos antigos de música.

Entre 1736 e 1772 existiu em Londres um Museu com modelos anatômicos, de animais, gigantes, anões, etc., de cêra.

O mais famoso dos museus britânicos, o **British Museum**, teve a sua origem numa coleção particular de Sir John Cotton, do século XVIII, que foi formada de livros e manuscritos e de uma coleção de livros, moedas e pedras preciosas de Sir Hans Sloane. Em 1753 fundou-se, então, o **British Museum** que hoje em dia é um dos mais ricos do mundo, especialmente em obras artísticas do Egito, da Assíria, da Grécia, Roma e da Idade Média. Possui também uma biblioteca enorme e um riquíssimo Gabinete de Moedas e Medalhas. Diz-se a propósito do **British Museum** que êle agrada pela sua enorme variedade, sendo ao mesmo tempo um “espetáculo, repositório e refúgio do saber”, e resume o problema de tirar o máximo de tão grande agrupamento do trabalho da inteligência humana. O cuidado do observador deve ser o de “explorar, sentir a energia, comparar e aprender”. Estas são, aliás, as chaves para se apreciar qualquer coleção de grande âmbito. E’ o **British Museum** nacional no nome, mas universal no alcance e na substância. Outros Museus importantes são o **Victoria and Albert Museum** em South Kensington (Londres), o Museu de Artes

Industriais, artesanato, arquitetura, escultura, móveis, imprensa, livros, etc., fundado em 1837 como escola de artesanato pelo **Board of Trade** (Câmara de Comércio). É uma coleção tão rica como não se pode imaginar, que atrai ainda o público de maneira especial com exposições bem escolhidas sobre os seus diferentes ramos. Também a **National Portrait Gallery** precisa ser mencionada, a primeira em seu gênero no mundo, e ao mesmo tempo o tipo aparentemente peculiar ao gosto britânico. Talvez não seja descabido notar que na época da sua fundação, em 1856, o retrato profissional britânico — e não somente o britânico — encontrava-se em um dos piores momentos de sua história. Essa é a espécie de ironia de que está cheia a história das instituições museológicas. Era a época onde o essencial do retratista era um ajustamento entre o artista e o seu modelo, muitas vezes mais exigentes naquilo que correspondia à sua própria beleza, jamais produzindo, desta forma, mais que umas poucas grandes obras de arte, sendo a maioria bem medíocre, pois o retratista não tem a mesma finalidade do fotógrafo.

Naturalmente existem ainda muitos outros museus em quase todas as cidades da Inglaterra, sendo impossível mencionar todos eles. Seja-nos permitido, entretanto, deter-nos uns momentos no Museu Britânico de Automóveis, fundado por Lord Montagu of Beaulieu, localizado no Condado de Hampshire, que se revelou uma atração tão popular que se decidiu agora conservá-lo aberto durante o ano todo, e não somente por algumas semanas. As últimas aquisições incluem o carro **Thornycroft** de — imaginem — dez cavalos de força, modelo 1908, um **Lanchester** de 1909 com 20 cavalos — que progresso — um **Castelo-Three** de 1922 e mais alguns modelos deste tipo. Há, várias vezes por ano uma corrida de carros veteranos, que naturalmente atrai muito público esportivo e curioso.

Outros museus ingleses que merecem ser mencionados são: o **Bowes Museum** em Barnard Castle, o **Weekes Museum** em Londres (Leicester Squ.), dedicado ao famoso relojoeiro Weekes, que no século XVIII fez relógios e brinquedos mecânicos, conforme o gosto do seu tempo, como por exemplo um cisne de prata, que mais tarde Napoleão III mandou comprar para o seu filho. Esse cisne foi exposto no **Weekes Museum**, fazendo parte, porém, do patrimônio do **Bowes Museum**.

O **Museum Ashmolean**, em Oxford, conta com valiosa coleção arqueológica e inclui também um apreciável número de quadros da escola holandesa.

Um público enorme afluí também à exposição aeronáutica da Inglaterra, promovida pela sociedade de “Construtores de Aeronaves Britânicas”, na cidade de Farnborough, onde são mostrados não somente aviões civis mas também militares.

E, finalmente o Museu Histórico Nacional de Londres, que aumentou recentemente a sua fama pelo fato de ter Sir Edmund Hillary (1960) — o “Conquistador do Monte Everest” — entregue aos especialistas deste museu a cabeleira que encontrou no Himalaia e que, embora não aceita por alguns, teria pertencido a um **yeti**, o “abominável homem das neves”.

A Holanda, que ocupa na história da Arte um lugar quase tão importante quanto a Itália, é famosa, antes de mais nada, pelo **Rijksmuseum** de Amsterdão. Quando em 1808 Luís Bonaparte, irmão de Napoleão, e nomeado por êle Rei da Holanda, deixou a cidade de Utrecht, para fazer de Amsterdão a capital do seu reino, logo no dia seguinte ao da sua chegada, julgava que uma cidade não poderia ser “a capital” senão com a condição de tornar-se um verdadeiro centro de cultura. Daí ter decretado imediatamente a “fundação do Grande Museu Real” destinado a ser o “local de coleção de quadros, desenhos, esculturas, antiguidades, etc.”, de toda a espécie. Assim começou a existir o hoje mundialmente conhecido **Rijksmuseum**.

O núcleo do Museu foi constituído por cerca de cem telas e 38 “raridades” que, em 1808, foram transferidas para Amsterdão. Logo depois a famosíssima “Ronda Noturna” de Rembrandt fez parte do patrimônio do Museu, e a êste patrimônio juntaram-se, no decorrer dos anos, inúmeras obras de arte. Em 1878 o museu possuía quase 900 telas, predominando as da escola holandesa dos vários séculos. Hoje possui 130 salas, quase 200 funcionários entre os quais 20 cientistas especializados. Seguramente podemos declarar que ninguém poderá fazer idéia da pintura holandesa do passado sem visitar o **Rijksmuseum**. Depois da guerra, o número de pessoas que visitam o museu cada ano elevou-se a 440.000. É interessante observar que em 1885, ano da inauguração do **Rijksmuseum**, na sua forma “modernizada”, o número de visitantes foi de mais de 600.000 pessoas, e êsse número só foi ultrapassado em 1956, ano de Rembrandt, quando os visitantes atingiram o total de 746.892 pessoas. Um fato, aliás, que se verifica com a maioria dos museus do mundo inteiro é a diminuição dos visitantes e que se explica talvez pela grande concorrência que fizeram o cinema e a televisão — que infelizmente em grande parte se tornaram inimigos da cultura. O “Gabinete de Estampas” do **Rijksmuseum**

possui 150.000 desenhos e mais de 800.000 estampas e gravuras. Depois da guerra o **Rijksmuseum** já organizou 17 exposições, desde “os Tesouros do Museu de Viena” até a “Exposição do Gótico ao Império” que atraíram, em média 100.000 visitantes. Por outro lado, o museu naturalmente emprestou também muitas vezes obras do seu acervo a outros museus europeus. Uma exposição de Van Gogh foi organizada no Japão e essa coleção também foi mostrada na V Bienal de São Paulo (1959) (1).

Existem, naturalmente, em cada cidade museus regionais, folclóricos ou artísticos. Mencionamos aqui o famoso **Mauritshuis**, de Haia, construído pelo Príncipe João Maurício de Nassau, tão intimamente ligado ao passado histórico do Brasil, a **Maison de Rembrandt**, em Amsterdão, os inúmeros museus pré-históricos e de objetos da Antigüidade em Amsterdão, Arnhem, Groningen, Leyden, Maastricht, Nimuegen, Utrecht, ou aqueles de “Belas Artes” em Amsterdão, Arnhem, Delft, Haia, Haarlem, Roterdão, Maastricht, Utrecht, etc., os Museus geográficos e etnográficos de Amsterdão, Roterdão, Leyden, etc., os museus do “Oriente Próximo” e do “Extremo Oriente”, os museus de Ciências, os jardins botânicos e zoológicos, o Museu de Viagens (em Amsterdão), dos Correios, da Navegação, — causa natural, pois que a Holanda ocupa, há séculos, um importante lugar entre as nações navegantes — para termos uma fraca idéia do desenvolvimento museológico dos Países-Baixos.

De certo interêsse seria talvez ainda uma menção do Museu holandês do Zuiderzee. Quando em 1932 se deu por terminado na Holanda o “dique” de fechamento, que converteu o mar interior **Zuiderzee** no lago **Yssel**, a extensão da água, que um dia fôra salgada, transformou-se em água doce, e uma boa parte das terras submersas pode ser usada nas fainas agrícolas.

Por outro lado muitas cidades — também chamadas “cidades mortas” e que desapareceram durante séculos, devido a tempestades e inundações — tornaram-se objeto de estudos de arqueologia e escavações. Assim apareceu o “Museu do Zuiderzee” que conserva tudo o que se descobriu e que foi recuperado. Serve como sede um dos antigos armazéns da “Companhia das Índias” (1625) que passou a ser propriedade da “Sociedade dos Amigos do Museu do Zuiderzee”. O museu foi, desde a sua inauguração em 1950, várias vezes am-

(1). — Agradeço, neste momento, o grande número de informações que obtive a respeito do **Rijksmuseum** no “Suplemento” do **Correio Paulistano**.

pliado e oferece um quadro exato — através dos séculos — do desenvolvimento da marinha mercantil e militar, dos usos e costumes dos marinheiros, durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

Outro museu “moderno” de grande interêsse é o “Museu Nacional de Etnologia de Leyde”, que realizou, em 1955-1956, com o concurso de um grupo de alunos, um programa chamado o “Museu Vivo”, mostrando usos e costumes de diversos povos do mundo. Alguns anos atrás, o museu organizou uma orquestra javanesa, composta de jovens de 14 a 16 anos e dirigida por um membro do serviço educativo. Mediante ensaios quinzenais, os jovens holandeses, de ambos os sexos, familiarizaram-se surpreendentemente com a música javanesa.

Também a Bélgica é rica em excelentes museus. Cada cidade de alguma importância possui um museu próprio, onde se exhibe coleções de quadros, antiguidades de várias espécies, móveis e lembranças históricas ou regionais. Esses museus são localizados em salas especiais, nas prefeituras, em velhos castelos ou edifícios históricos ou também em edifícios especialmente construídos para êsse fim.

Mencionamos o Museu Real das Artes de Antuérpia, famosa cidade de pintores da escola flamenga que é ricamente aí representada. A **Maison de Rubens** é uma reconstrução da casa e do estúdio do grande pintor flamengo e contém lembranças pessoais suas, móveis da sua época e muitos quadros. A casa e o jardim são uma fiel reprodução do que era ela, de acôrdo com plantas, documentos e desenhos, executados pelo próprio Rubens.

Em Bruxelas encontra-se também um **Musée Royal des Beaux Arts** com obras primas de Rubens, Van Dyck e os primitivos flamengos, bem como telas dos séculos XV, XVI e XVII. O **Musée Instrumental du Conservatoire Royal de Musique** é um dos mais ricos do mundo, com algumas peças únicas. A **Maison d'Erasmus** é a casa onde o grande humanista flamengo viveu muito tempo, contendo também móveis, quadros e outros objetos da arte da Renascença. No **Pavillon Chinois**, uma rica coleção da Ásia é mostrada dentro de um edifício em estilo chinês. Há ainda, além de muitos outros museus, o **Musée du Congo Belge**, com objetos históricos desde a descoberta do Congo e uma coleção da arte africana. O **Musée Royal d'Art et d'Histoire** tem seções de antiguidades — de etnografia, de artesanato, folclore e uma interessante coleção de carruagens antigas.

Na histórica cidade de Gand encontra-se, entre outros, o **Musée des Beaux Arts** com quadros de Hieronyme Bosch e outros, enquanto a cidade de Bruges possui o **Musée Grutthouse**, a antiga residência de uma família nobre do mesmo nome, com uma rica coleção arqueológica. O **Musée Comunale** com quadros de Van Eyck, van der Weiden, e outros, e o **St. John's Hospital Museum** com obras primas de Memling. O prédio é a antiga farmácia daquele hospital do século XII, com móveis e utensílios que pertenceram ao mesmo.

A Suíça possui museus nas grandes cidades, bem como nas pequenas, nestas últimas especialmente museus folclóricos ou regionais. Na Suíça a arte antigamente não se agrupava, como na França, na Itália ou na Austria, ou também na Espanha por exemplo, ao redor das côrtes de reis ou príncipes, mas era muito mais “popular”, devido a estrutura política do país, dando um valor especial ao artesanato e ao enfeite artístico dos objetos de uso particular e diário, daí o número relativamente elevado de museus folclóricos, onde podemos apreciar belos móveis, trajes e outros utensílios domésticos.

Entre os mais importantes museus merecem ser mencionados o **Schweizerische Landesmuseum** de Zurique; o “Museu Histórico de Berna”, com peças riquíssimas do tesouro de Carlos-o-Temerário da Borgonha e uma coleção com quadros do famoso pintor suíço Hodler; o “Museu Histórico de Basileia”, com as suas tapeçarias góticas; o “Museu de Genebra” com uma interessante coleção de antigüidades; a “Casa de Arte”, de Zurique, dedicada à Arte Moderna desde Boecklin, Hodler e Munch; o “Museu de Arte”, de Basileia com obras artísticas da Idade Média e de pinturas de Holbein; o “Museu Folclórico” da mesma cidade com as “exóticas” de famosos viajantes e finalmente a coleção particular de Oscar Reinhardt em Winterthur, a mais perfeita coleção particular na Europa, que se destaca pela qualidade e riqueza de mestres antigos e modernos, especialmente das escolas francesas, alemãs e suíças ou a coleção do industrial e mecenas Emil Georg Buehrle em Zurique, com centenas de excelentes quadros, sendo especialmente bem representados os da escola francesa dos Impressionistas. A Suíça não possui, como Paris, Madri, Londrs, Viena, Amsterdão, Roma e outras capitais, coleções enormes, que se originaram dos “tesouros” de casas reinantes, como já dissemos no início, pois quase tôdas as iniciativas saíram das tradicionais famílias burguesas, o que se explica pela estrutura político-social da Suíça, porém tôdas estas coleções, oficiais e par-

ticulares, são testemunhas eloqüentes do alto nível cultural que se manifesta em tôdas as camadas sociais suíças.

Que os museus na vida cultural da Alemanha ocupam lugar de destaque não é necessário ser mencionado. A maioria dêles originou-se das coleções e gabinetes de raridades dos príncipes, durante os séculos XVI e XVII. Porém, também a iniciativa particular dos ricos burgueses era importante neste setor. A “investigação e pesquisas” sôbre a história da arte, há séculos — era um ramo bem desenvolvido, embora a maioria dos museus fôsse mais um enorme agrupamento de objetos artísticos, porém pouco atraente para o grande público, oferecendo mais possibilidades aos cientistas e historiadores. Durante o último século formaram-se dois tipos de museus:

- 1). — o museu que se ocupa mais com a idéia da história cultural e conseqüentemente com o desenvolvimento do sentimento patriótico, com finalidades didáticas, tais como o famoso Muséu Germânico de Nuremberg, e
- 2). — o museu que encontra a sua finalidade no desenvolvimento artístico do visitante, expondo as suas ricas coleções como os museus de Berlim, dirigidos por Wilhelm von Bode ou Max Friedlaender — ambos já falecidos — cujos nomes alcançaram fama internacional e cujos pronunciamentos, a respeito das obras de arte, eram considerados no mundo inteiro como a última palavra no assunto. Estes últimos grupos de museus foram dirigidos por assim dizer, por aristocratas, enquanto um reformador pedagógico, como Alfred Lichtwark — **praeceptor Germaniae** — proclamava não ser bastante existir o museu, mas que êle precisava fazer parte ativa da vida cultural de uma nação por intermédio de cursos, exposições ambulantes, filmes, publicações, etc. Esta idéia, porém, não é nova: encontra-se já nos decretos do Ministério da Educação da Prússia, em 1911, onde se exigia que os museus fôssem usados como instrumentos da educação do povo. Mencionar tôdas as ricas coleções da Alemanha, que felizmente perdeu relativamente pouco do seu patrimônio durante a segunda guerra mundial, seria de mais. Pois existem museus de todos os tipos, começando com as coleções de antigüidades, de telas de qualquer época, armas, exótica, artesanato, museus especiais de correios, de navegação, de estradas de ferro, de teatro, de ciências, de química, seja do que fôr. O Museu Germânico de Nuremberg, por exemplo, dirigido pelo

Prof. Ludwig Grothe — devido à sua atividade nas Bienais de São Paulo é bem conhecido no Brasil — introduziu agora, num dos seus últimos pavilhões, uma novidade: a vitrina-janela, na rua, possuindo aquêlê pavilhão grandes janelas — como as de uma loja — que chamam a atenção do “homem comum, do homem da rua” pela beleza ou originalidade dos objetos expostos, criando desta maneira o desêjo de visitar o museu para ver o que aí poderia haver de mais interessante.

Aquêlê museu possui coleções de armas, objetos pré-históricos da época do bronze, da arte folclórica, esculturas góticas, da Renascença, do Barroco, quadros, móveis, um gabinete de gravuras de duzentas mil fôlhas, cartas de baralho, milhares de desenhos, mapas, uma biblioteca de 235 mil volumes e um gabinete de Moedas e de Medalhas de mais de 50 mil exemplares.

Em geral se pode dizer dos museus alemães que se tornaram, além da sua tarefa científica-conservadora, o fundamento de qualquer trabalho museológico, um instrumento importantíssimo da educação comum do povo. Há tentativas várias, geralmente em colaboração com pedagogos, peritos no assunto, para preparar e intensificar a educação artística de crianças e de adultos, como por exemplo em Mannheim, onde uma pintora, dentro de uma sala do museu, ensina desenhar e pintar, familiarizando, desta maneira, as crianças em contacto íntimo com a arte, desde sua infância.

Além dos museus, que oferecem a possibilidade de um estudo mais generalizado da arte, existem na Alemanha inúmeros museus especializados, dos quais já tratamos em parte.

Na cidade de Kassel, por exemplo, encontra-se o “Museu dos Irmãos Grimm”, famosos literatos do século XVIII, que colecionaram as velhas lendas folclóricas alemãs e cujas obras até hoje, em inúmeras traduções, fazem o encanto da juventude de quase todos os países.

A cidade de Mogúncia (Mainz) possui naturalmente um Museu dedicado à Gutemberg, uma das personagens mais importantes na arte de imprimir.

O “Museu Wallraff-Ricartz” em Colônia (Koeln) festejava, em 1961, o seu primeiro centenário. Êste Museu, o maior na Alemanha Ocidental, oferece um aspecto geral de tôda a História da Arte e, embora tendo sido danificado durante a II Guerra Mundial e perdido muitos dos seus tesouros, graças aos esforços do govêrno e de um grande apôio particular, está

possuindo outra vez um número impressionante de obras primas dos séculos passados. Também concertos são realizados regularmente neste museu.

Bonn tem o seu museu, dedicado ao grande compositor Beethoven; Frankfurt possui, entre outros, um “Museu Histórico” que recentemente alcançou grande sucesso com uma exposição de **marionetes**; a arte moderna é especialmente representada no “Museu Folkwang”, em Essen, onde em 1960, depois de uma preparação de quatro anos, foi aberto ao público o nôvo prédio, construído com mais de 4,5 milhões de marcos alemães.

Duas alas, cada uma de 100 x 70 metros, formam o próprio museu, que possui ainda, além da secretaria, uma excelente biblioteca e um auditório para 400 pessoas. Desde 1948 foram adquiridas obras famosas de Paul Klee, Kokoschka, Fernand Léger, Franz Marc, Mondrian, Beckmann, van Gogh, Gauguin, Corot, Manet, Renoir e muitos outros.

O Castelo de Fuerstenberg, em Donau-Eschingen, realizou há pouco (1960) uma exposição de gravuras (60.000 exemplares), além de manuscritos dos séculos XI e XII (na sua biblioteca). Possui ainda uma coleção bem famosa de minerais e de assuntos folclóricos.

O escritor Karl May († 1912), famoso pelos seus contos de índios norte-americanos e outros, que são lidos, como os dos irmãos Grimm, no mundo inteiro, recebeu agora um Museu, a êle dedicado, em Bamberg, desde que o antigo museu em Dresden foi destruído durante a última guerra.

Bremen mostra no seu “Museu do Ultramar” interessantes exposições, como por exemplo as cenas de um cortêjo de casamento, ou de um “féretro” com mais de algumas centenas de figuras de madeira e de papelão de vinte centímetros de altura, da China antiga. Desde que estas cerimônias não existem mais na China Moderna esta exposição é de grande valor para os estudiosos dêsses assuntos.

O Museu da Universidade de Marburgo realizou, em 1960, uma exposição de desenhos e gráficos dos últimos dois séculos. O Museu de Leverkusen (Castelo Morsbroich), além de uma coleção de bons quadros dos séculos passados, realiza constantemente exposições de obras de artistas modernos; a cidade de Ulm oficializou o “Museu particular do Senador Wilhelm Eiselen”, dedicado ao pão, em 1960. Êste museu é dividido em quatro departamentos: ilustrações, quadros e desenhos, documentos, instrumentos e oferece uma noção quase completa

da história do pão através de quatro milênios, e é o único da sua espécie na Europa.

E do pão para o vinho a distância é pequena. A cidade de Speyer possui o mais velho e mais rico museu desse tipo na Alemanha. Inaugurado em 1910, ficou, devido às conseqüências da última guerra mundial, fechado por alguns anos. Possui o vinho líquido mais velho do mundo, numa ânfora do III século da nossa era. Nesse museu se pode estudar qualquer assunto relacionado com a cultura do vinho.

E depois de falar do vinho, seria injusto esquecermos do "Museu da Cerveja" (naturalmente em Munique, histórica cidade dessa bebida). O Museu, ainda em formação, será instalado numa torre medieval de Munique, dando, por intermédio de documentos, instrumentos, quadros, etc., um panorama completo da cerveja e da sua história. Não faltará uma coleção de copos de cerveja, de barris e de rodela de papelão para colocar debaixo dos copos, e haverá, ainda mais, uma garrafeira de cerveja de todos os países do mundo (uma boa coleção particular de copos de cerveja encontra-se, aliás, em São Paulo).

E desta maneira poder-se-ia, ainda, mencionar muitos e muitos museus, como o do "Carvão" de Bochum, o Museu do Conde Zeppelin, em Friedrichshafen, ou os museus de "tráfego" do Konstanz, ou aquêles, que estão em reconstrução em Berlim (Zona Ocidental) e onde se reunirão os assuntos "rodovia, navegação, estradas de ferro e aviação".

E finalmente, para fins pedagógicos, foram formados alguns museus, como o do "Campo de Concentração" de Dachau, ou a exposição de Recklinghausen, a "Sinagoga", onde se mostra obras da arte judaica, a partir da época dos patriarcas até aos nossos dias.

Estas mais diversas exposições atraem o público, inclusive o que vem do estrangeiro, encontrando os museus não somente o apôio moral e financeiro do govêrno, mas também das instituições públicas em geral, bem como da indústria em grande escala, possuindo cada cidade quase sempre mesmo "sociedades artísticas" que concorrem entre si com exposições, conferências, e muitas vezes também com publicações e revistas.

A sociedade mais importante desse tipo é o **Deutscher Museums Bund**, que começou a existir outra vez, após ter sido dissolvido durante a II Guerra Mundial. Aquela sociedade, que se divide em dois grupos (os museus culturais e sociais de um lado, e museus de assuntos técnicos ou de ciências naturais, do outro) publica agora uma revista, que trata da organização, adminis-

tração e outros assuntos de museus, e das mais recentes descobertas neste terreno.

Falando dos Museus da Polônia, podemos dizer que também eles tiveram a sua origem nos tesouros das Igrejas, especialmente na Idade Média, pois durante séculos a Polônia foi um dos países mais religiosos, por assim dizer, da Europa. Junta-ram-se a estes tesouros, os dos antigos reis do século XVI da dinastia dos Jagelões, — família famosa pelos inúmeros mecen- as. Devem ser mencionados entre esses tesouros as tapeça- rias do rei Segismundo II Augusto (1572), que incluíam uma rica coleção de 350 tapetes e **gobelins** oriundos especialmente de Bruxelas, e jóias e telas dos grandes mestres europeus. No seu testamento, o rei manifestava o desejo que esta coleção ficasse como propriedade do Estado para servir às necessida- des públicas. No século seguinte, uma grande quantidade de obras artísticas foi adquirida por agentes que os reis manti- nham em todos os outros centros culturais da Europa, e o de- legado papal, bem como o embaixador da Espanha, fizeram importantes doações às coleções reais.

Segismundo III mandou confeccionar, no Oriente, os fa- mosos tapetes com os brasões, que também interessam sob o ponto de vista heráldico-genealógico. Adquiriu, também, ar- mas asiáticas. O Príncipe Ladislau, em 1625, comprou na Itália belos quadros, estátuas e bronzes, e recebeu dos príncipes de Gonzaga, em Mântua, algumas obras primas. Ladislau IV comprou instrumentos óticos de Galileu e adquiriu uma gran- de parte da coleção do famoso pintor Rubens, que os herdei- ros do artista venderam depois da morte do mesmo. Duran- te o século XVIII aquelas coleções ainda aumentaram consi- deravelmente.

Mencionamos aqui, também, as coleções particulares dos príncipes Lubomirski-Radziwil — os quais, no século XVII con- tavam com mais de mil quadros, entre os quais um Veronese, um Duerer, 24 desenhos de Lucas Cranach e outros. Muitas obras primas naturalmente se perderam durante as ações bé- licas do século XVII. Os reis da dinastia saxônica também foram colecionadores de grande estilo, porém pensaram mais na sua capital na Saxônia, Dresden.

O rei Estanislau Augusto Poniatowski (1764-1795) criou uma grande galeria com mais de dois mil quadros — entre os quais seis de Rembrandt — porém lhe faltava o dinheiro pa- ra enriquecer a sua coleção mais ainda, como o cronista rela- ta secamente.

A princesa Jablonowska adquiriu, naquela época, uma coleção de vasos etruscos e os príncipes Czatoriski possuíam, na sua bela coleção, obras de Rafael, de Leonardo da Vinci e outros. A situação política da Polônia, durante o século XIX — quando a Polônia foi dividida entre a Rússia, a Alemanha e a Áustria — não era favorável ao desenvolvimento de museus, a única exceção constitui talvez o “Museu de Belas Artes”, fundado em 1862, em Varsóvia. Mas inúmeras exposições durante o século passado mantinham a idéia da antiga grandeza da nação polonesa viva. Naturalmente perdeu-se também muito durante as duas guerras mundiais. Em 1921 realizou-se a União dos Museus da Polônia; durante os anos 1936-1939 o Museu Nacional e a Universidade de Varsóvia participaram de exposições internacionais, e o grande interesse que a nação polonesa nutre pela idéia de museus é demonstrado bem nitidamente pelo seguinte fato: quatro meses depois da libertação da Polônia, em 1945, as primeiras salas do Museu nacional de Varsóvia foram reabertas. No mesmo ano o Ministério da Cultura e da Arte criou uma direção geral dos museus, incluindo uma oficina central de conservação, um instituto histórico de arte e um “inventário do tesouro artístico” com rico fichário.

Existem ainda museus especiais como o “Museu Judaico”, o “Museu das Minas” e outros. Constantes exposições ambulantes e um número de cerca de 160 museus distribuídos pela Polônia toda — que conta atualmente com uma população de mais ou menos 20 milhões de habitantes — mostram o valor que o govêrno polonês dispensa àquêle patrimônio artístico nacional.

Da Polônia para a Rússia, geograficamente falando, temos um curto passo. Aqui, especialmente durante o Império dos Czares, nos séculos XVIII e XIX, floresceram museus em Moscou e em Petersburgo. Porém também hoje em dia o govêrno russo se preocupa muito com a idéia dos museus como instrumento de educação. Entre os anos de 1921 e 1936 foram criados 542 museus, que são dirigidos por uma comissão encarregada de organizar e utilizar os museus e entrosar o trabalho e a atividade dos mesmos à política do partido comunista, de acôrdo com o método didático.

Muitas das obras primas, especialmente da Alemanha, foram levadas, no fim da II Guerra Mundial, para a Rússia, onde encontraram “domicílio” por alguns anos, sendo mandados de volta aquelas que fôssem oriundas da Alemanha Oriental,

como o famoso Altar de Pérgamo (da Ásia Menor), um Altar-Templo grego completo, que foi exposto por muitos anos em Berlim, na “Ilha dos Museus”.

Conforme notícias de Berlim, tôdas as obras artísticas receberam durante a sua estadia na Rússia uma atenção especial a respeito da sua conservação e restauração. Criaram-se “passaportes artísticos” para cada obra, mencionando a sua história, origem, estado de conservação, com fotos antes e depois da restauração, se fôsse necessário, e os nomes de todos os conservadores, restauradores, peritos e responsáveis por êsses trabalhos nessas telas e esculturas.

Como antigamente, antes da Revolução, o Museu da **L’Ermitage** em Leningrado atrai os visitantes. Hoje a Galeria **Trethakow**, em Moscou, é um dos pontos culminantes, que o **Inturist**, — organização russa que toma conta dos viajantes estrangeiros, do ponto de vista cultural — mostra com especial atenção. Em 50 salas, cheias completamente de quadros, se apresentam os produtos da pintura russa, e de modo singular os pintores soviéticos, quase exclusivamente de orientação realista.

Há ainda, quase esquecidas, duas salas menores, onde se encontram obras de uma beleza singular: os **ícones** dos séculos XIV até XVII. Aqui encontram-se as obras primas do mais famoso artista russo neste terreno, o monge pintor Andrej Rubljew, cujo 600.^o aniversário se festejou em 1960.

Pretende-se a organização de um museu especial para estas obras, no antigo e histórico convento de S. Andronikow, em Moscou, para onde transferir-se-á centenas de ícones dos quais só nos arquivos e conventos de Pereslawl e Wolgoda se encontram mais de 1.600 exemplares. Também certas regiões do norte da Rússia, onde aquêle ramo da arte sacra se manifestara brilhantemente, durante séculos, guarda-se inúmeras belas peças que vão fazer parte do patrimônio do nôvo museu. Obras que não podem ser transferidas, como os afrescos do convento de Sagorsk, serão representadas fotograficamente.

A Grécia ocupa, do ponto de vista dos Museus da Antigüidade um lugar semelhante ao da Itália. Também aí muitas cidades inteiras são ainda “museus” do grande passado da Arte Helênica, estando em primeiro lugar, naturalmente, Atenas.

Constantes escavações arqueológicas aumentam cada ano o tesouro imenso e institutos científicos, como o Instituto Arqueológico Alemão, tem como sua única tarefa tratar de tais assuntos. Ainda agora (1961), por exemplo, terminou-se um

dos trabalhos mais importantes do ramo, a escavação do Estádio Olímpico. Começou-se em 1937 com certos trabalhos e foram encontrados então objetos riquíssimos, especialmente nos “poços” antigos das épocas arcaicas, que eram construídos para servirem aos inúmeros visitantes dos “jogos olímpicos”, jogos que eram realizados de quatro em quatro anos. E esses poços, depois do fim da estadia, eram fechados e serviam depois de certa maneira, para receber o lixo que se acumulava, durante os festivais. A esse lixo se juntava estátuas, armas, etc. dedicadas aos deuses, objetos que no decorrer do tempo, se estragaram. A terra sulfúrica conservou estes objetos e as recentes escavações dão uma excelente impressão da arte grega de 700 anos a. C. e da influência do Oriente sobre a arte helênica. Destarte o Museu de Olímpia tornou-se o mais rico no que se refere a armas antigas da Grécia.

Escavações semelhantes realizaram-se na antiga cidade de Pela, perto de Salônica.

A origem dos Museus na França assemelha-se à origem dos demais países europeus. Os tesouros das principais catedrais e monastérios marcam o início e durante a Renascença, pouco a pouco, transformaram-se em “coleções” que concorriam, de certo modo, com os tesouros dos príncipes.

Francisco I (1515-1547) e o Cardeal Richelieu (1585-1642) são na França os primeiros grandes nomes de “amadores” em grande estilo.

Durante o século XVIII, algumas das coleções tornaram-se públicas, isto é, acessíveis aos visitantes. Este passo está ligado à vulgarização dos conhecimentos gerais, especialmente devido à atividade dos “enciclopedistas”.

A “Galeria do Palácio de Luxemburgo”, em Paris, abriu as suas portas ao público em 1750, enquanto os primeiros volumes da “Enciclopédia” foram publicados em 1752. (Na Inglaterra, a abertura do **British Museum** coincide mais ou menos com a primeira publicação da **Encyclopedia of the Chambers**). A “Grande Galeria do Louvre” abre-se em 1793, poucos anos depois da Revolução, com quinhentos quadros e assim, especialmente em consequência da Revolução, a idéia dos museus como instrumento da educação e instrução pública tomou vulto.

Já poucos anos antes, Diderot (1713-1784) fôra encarregado por uma casa editôra de Paris de traduzir a já mencionada **Encyclopedia of the Chambers** (de Londres) e desta tarefa nasceu o desejo de criar-se uma enciclopédia própria fran-

cesa. Diderot escreveu, no quinto volume da Enciclopédia, que o “museu nacional deve servir ao amador e ao artista, e deveria ser aberto para todos aquêles que quisessem colocar o seu cavalete ao lado de obras primas que gostasse e as quais desejassem copiar”.

Em 1792-1794 a “Convenção” criou os diversos tipos de museus idealizados pelos enciclopedistas, a saber:

- 1). — o museu artístico, que é o museu central das artes;
- 2). — o museu histórico nacional;
- 3). — o museu técnico e do artesanato;
- 4). — o museu histórico, isto é, o museu dos monumentos franceses.

Em 1790 começa também a organização de museus no interior do país. A expedição de Napoleão no Egito e a atividade de Champollion favorecem depois, no início do próximo século, os estudos arqueológicos, especialmente do Egito e o enriquecimento das respectivas coleções. Em 1826 cria-se o **département égyptien** do qual Champollion foi o conservador. As cidades de Ruão, Bourges, Tolosa, Angers, etc. criaram, durante os anos de 1820 até 1840 os seus museus próprios, sendo seguidas e imitadas por outras cidades francesas. Os museus municipais — outra forma do museu histórico — foram aos poucos se organizando em seguida. E o desenvolvimento das indústrias, como em outros países também, favoreceu o desenvolvimento dos museus técnicos, bem como aquêles dedicados à ciência.

Depois de 1870 aparece, como nos países nórdicos também, onde encontra talvez a sua forma mais perfeita — o “museu folclórico”. Pedimos vênia para mencionar, neste passo como exemplo de museu desse tipo, o famoso “Museu de Skansen” em Estocolmo, na Suécia, onde fazenda, moinho, igreja antiga de madeira, jardim zoológico e botânico juntos formam um lugar ideal para festas folclóricas, que atraem o público oriundo não somente da Suécia, mas também de outros países.

Voltando aos museus da França, podemos afirmar que êles têm, como a sua primordial função social, servir ao público. Em 1945 foi decretado, que “**est considéré comme musée toute collection permanente et ouverte au public d'oeuvres présentant un intérêt artistique, historique ou archéologique**”. O seu principal papel é o de elevar o nível geral da cultura e da instrução de todos os cidadãos. Há naturalmente também museus com fins políticos, como o de Versalhes, consagrado à glória da França, ou aquêles fundado por Napoleão III, em 1852,

para vangloriar a sua dinastia. Finalmente, mencionamos ainda o **Musée de l'Homme** que é um “arquivo da humanidade”.

A administração dos museus franceses pertence à **Direction générale des Arts et des Lettres**, subordinada ao Ministério da Educação. Essa **Direction** inspeciona também os museus do interior e exerce um contrôle sôbre as suas aquisições. Ela está dividida em três **bureaux**, a saber:

- 1). — os textos legislativos, documentação, função técnica, anuários, exposições e visitas.
- 2). — a atividade e contrôle financeiro.
- 3). — a segurança dos museus e dos objetos expostos.

O **comité** dos Conservadores, que é presidido pelo diretor dos museus da França, reúne-se, geralmente, duas vêzes por ano. Resolve sôbre a aquisição eventual de obras, legados, etc. Suas decisões são submetidas ao exame do “Conselho artístico”, que é consultado em todos os assuntos pertinentes. Êsse conselho tem o direito do veto.

Importante para os museus e o desenvolvimento dos mesmos é também a “Escola do Louvre”, fundada em 1882, onde se forma o pessoal necessário — técnicos e funcionários. Leciona-se aí: Arqueologia e História da Arte, bem como disciplinas necessárias para a formação de qualquer tipo de técnico de museu. Todos os conservadores e assistentes dos museus devem ser diplomados por esta escola.

Em 1933 os estatutos da escola sofreram uma reforma e, em conseqüência, criaram-se novas e modernas instalações, salas e auditórios e o curso é feito agora em três anos, estudando-se, durante os três anos tôda a História da Arte, desde a época pré-histórica até aos nossos dias, com aulas teóricas e práticas. Durante o segundo e terceiro anos estuda-se também a museologia, realizando-se conferências especializadas, visitas e aulas em laboratórios (definição de obras, restauração e conservação).

O estudo da História da Arte do primeiro ano ocupa-se com a arqueologia nacional e pré-histórica, a do Egito, do Oriente, a **greco-romana**, assim como com a cerâmica antiga e a epigrafia.

O segundo ano estuda a História da Arte do Oriente, da Índia, dos muçulmanos e a arqueologia das Índias.

Para o terceiro ano, finalmente, reserva-se o estudo da História da Arte medieval, da Renascença, da Arte moderna e moderníssima (pintura e escultura). Além disso, a gravura,

medalhas, artes aplicadas, história dos estilos, arte decorativa e folclórica são também estudadas.

A museologia divide-se em teórica e prática, história da museologia e administração. O número de alunos (em 1947-1948) era de 2.060, crescendo, desde então, quase anualmente. As principais funções dos conservadores consistem em pesquisas científicas, na reunião e estudo crítico da documentação: fotos, e publicações, no ensino e na difusão popular.

Os monitores fazem cursos sôbre a Antigüidade ou se especializam sôbre assuntos dos tempos modernos.

E para dar uma pequena ilustração de estatística sôbre o mais famoso museu da França, o **Louvre** — também um dos mais famosos no mundo inteiro — mencionamos: originalmente um castelo do século XII recebeu mais tarde, com Luís XI e Francisco I, as suas várias coleções, sendo hoje um dos mais ricos museus do mundo, incluindo no seu acervo a escultura grega, a romana, etc., bem como quadros desde a Idade Média até ao Barroco, podendo citar entre as principais obras primas, produções de Rafael, de Leonardo da Vinci (a famosa Mona Lisa), de Ticiano, Rubens e Rembrandt. Diz-se a respeito do Louvre que “os reis o fizeram, os turistas afluem para vistá-lo e sábios e cientistas dedicam-lhe a vida”. Tem uma superfície de 50.000m², possuindo mais de 78.000 obras de antigüidades orientais; 24.000 das épocas greco-romanas; 25.000 deuses, efígies, etc. do Egito; mais ou menos 5.000 telas; 43.000 estampas e gravuras; e 70.000 desenhos. Possui ainda cerca de 250 guardas, escolhidos entre antigos soldados e 50 operários-artesãos, sem contar o número enorme de especialistas para todo o tipo de conservação. Aos domingos é visitado por cerca de 10.000 pessoas, das quais um terço é composto de menores de 18 anos. Tôdas as obras possuem um **dossier** completo, inclusive fotos, fichas, etc. Existe um sinal de alarma, pois já houve antes roubo, e a êsse propósito lembramos o caso da famosa “Gioconda” de Leonardo da Vinci. Essas medidas de segurança permitem que se fechem as grades e portas de entrada imediatamente, e a chegada da polícia (ou dos bombeiros em casos de incêndio) se dará dentro de três minutos. Naturalmente a proteção contra incêndios é a mais moderna possível.

Mas não sômente os grandes países, mas também aquêles que ocupam um espaço relativamente pequeno nos mapas europeus, possuem os seus museus, bem importantes e bem ricos. Falamos já da Suécia. Em Copenhague, na Dinamarca, encon-

tram-se os quadros do pintor Albert van den Eeckhóut, que acompanhou, com Frans Post, a Missão Nassau ao Brasil no século XVII. Constituem um presente que o príncipe João Maurício de Nassau fez ao rei da Dinamarca para o seu “gabinete de raridades”. A Dinamarca geralmente é mais conhecida no mundo pelas suas cervejas e os seus arenques, que são os seus produtos mais famosos e, estranhamente, os museus estão intimamente ligados à cerveja.

Já o missionário Ansgar, no século VIII, se referia à excelente cerveja dinamarquesa, que se bebia nos crânios dos inimigos vencidos nas batalhas e transformados em “taças”.

No século XV, a pessoa média bebia, na Dinamarca, cinco litros de cerveja diariamente, — conforme o cronista — mesmo as freiras do “Convento de Maribo” bebiam por dia os seus 4 ou 5 litros dêsse “refrigerante nacional”.

Em 1807 começa a “éra moderna das cervejarias” sendo a mais famosa a de Carlsberg, que criou a mundialmente conhecida **Carlsberg-foundation** que mantém, com parte dos seus lucros, um laboratório científico com seções especiais para a manutenção do Museu Nacional Histórico em Frederiksborg Castle, e a **New Carlsberg Foundation** — fundada em 1902 — que se ocupa com o desenvolvimento da Arte na Dinamarca, sendo ligada à **Royal Danish Academy of Sciences**. Esta última fundação tem duas seções, uma de laboratórios químico-fisiológicos e uma de ciências naturais, matemáticas, históricas e filológicas, dirigidas por cientistas especializados. Esta fundação fornece aos cientistas fundos para o desenvolvimento de seus estudos, para viagens, publicações, etc.

Mencionamos ainda, além dos grandes Museus da Dinamarca, como o “Museu Dinamarquês de Arte Aplicada” a “Glyptoteca de Carlsberg”, o “Albertina Trust” com obras de Thorwaldsen, o “Museu Nacional e Etnográfico”, os museus pequenos que dão tanto encanto a Copenhague, como: o “Museu de Estradas de Ferro”; o “Museu da Pesca”, com bela coleção de barcos para pescadores, que dão uma idéia do desenvolvimento da pesca a partir do século XVI; o antigo laboratório dos farmacêuticos e alquimistas; o “Museu da Medicina” ou o antigo “Teatro da Côrte”, construído em 1767, que agora transformou-se num museu do teatro dinamarquês. Um outro exemplo é a “tôrre redonda”, construída em 1642, como um observatório, sendo um dos mais antigos na Europa. Aquela tôrre possui também um museu dedicado aos dois famosos astrônomos dinamarqueses: Tycho Brahe e Ole Romer. Interes-

sante é também o pequeno “Museu do Telefone” e assim se poderia aumentar a lista dos museus pequenos, porém, não de menor interesse na Dinamarca.

A Suécia possui um dos mais importantes museus militares, além de muitos outros museus e galerias. Existem, ainda, na Suécia seis museus de silvicultura, alguns dos quais com plantações de árvores. Uma das exposições mais frequentadas é a da seção de silvicultura do Museu de Sundswall, a capital da indústria madeireira do norte da Suécia. Foi visitada, em 1959, por cerca de quarenta mil pessoas.

*

* *

Poderíamos falar, ainda, longamente, do museu do territorialmente falando menor estado da Europa, o Vaticano, ou de um outro estado minúsculo, o Principado de Mônaco, que tem um famoso museu oceanográfico e uma excelente galeria de quadros, pois a museologia ocupa-se com todos êles, registra o movimento cultural científico de todos, embora sendo esta ciência relativamente bem recente. Foi em 1926 que o “Instituto de Cooperação Intelectual em Paris” publicou o primeiro número da revista “Museion”, e em 1934 os primeiros conservadores do mundo inteiro reuniram-se em Madri, para discutir os problemas dos museus. Em 1937, outra vez em Paris, a **Exposition International** apresentou uma seção especial denominada **Musée et Exposition** para informar o público a respeito dos grandes problemas museológicos.

Pois o problema de fato é grande: acusa-se muitas vezes os museus de não atraírem o público nos nossos dias, citando-se como exemplo que num domingo de 1850, o **British Museum** em Londres recebeu a visita de 20.014 pessoas, enquanto em 1950, cem anos mais tarde, com uma população muito maior, o mesmo museu no mesmo dia recebeu somente 2.399 visitas. Diz-se também que a Arte hoje em dia se “realiza somente nos museus” e não tem mais relação com a vida quotidiana. Diz-se ainda que a juventude de hoje — e não somente os **play-boys** — tem um horror dos museus, talvez exceto daqueles que mostram monstruosidades, flechas venenosas, troféus dos caçadores de seres humanos, e outros semelhantes. Uma certa culpa, sejamos francos, a tem os próprios museus, pois em muitos casos são os museus um agrupamento enorme de objetos, em salas escuras, gerando impressões que causam horror ao visitante menos culto, porém de boa vontade. Pareciam mais castelos do monstro Frankenstein do que lugares que

podiam inspirar e instruir. Aquela técnica antiga dos museus, talvez pela influência norte-americana, está-se mudando desde o fim da I Guerra Mundial. Hoje, a principal “diretiva” é a “escôlha” e não mais a “quantidade”. Escolhe-se sob o ponto de vista da qualidade sòmente. Cobrir as paredes de alto a baixo com quadros, como era costume nos séculos anteriores, não corresponde mais às exigências da museologia moderna. Em muitos casos é suficiente uma ou duas obras do mesmo mestre para dar a impressão, a idéia do seu trabalho. O resto de suas obras, que o museu talvez possua, fica guardado em salas especiais para pesquisas ou exposições, que se faz de vez em quando, por uma ou outra razão.

Também o ambiente pode influir para atrair as massas. O “cúmulo” neste sentido foi talvez a exposição, pouco depois da guerra, em Milão (1946), onde se mostrava o “cosmo destruído” na interpretação de Picasso dentro das ruínas de um museu. Falamos já das vitrina-janelas do Museu de Nuremberg, que chamam a atenção do transeunte da rua, por intermédio de uma só peça bem interessante e bem escolhida; naturalmente se deve evitar também o extremo, de criar um “misticismo museológico” por efeitos exagerados na coleção e na iluminação das obras. Pois também desta maneira pode cansar o visitante. Trabalho museológico é também psicologia aplicada. Para excluir a “museofobia” dos nossos dias é necessário chamar a atenção do público, tocando em primeiro lugar no seu instinto de curiosidade, para levá-lo, pouco a pouco, ao reconhecimento e ao cultivo do belo e a sua aplicação na vida diária. Explicações por cientistas, não por guardas pouco instruídos, por filmes documentários, etc. podem ajudar muito. E o bar — onde se pode tomar um cafêzinho ou um refresco, na Europa, dentro do museu, não é mais raridade.

E’ uma tarefa grata — mesmo se fôr difícil na sua execução — criar para cada museu um ambiente todo particular, no qual o espetador se sinta “à vontade”.

ENRICO SCHAEFFER

da Comissão Executiva do Museu Militar. São Paulo.